

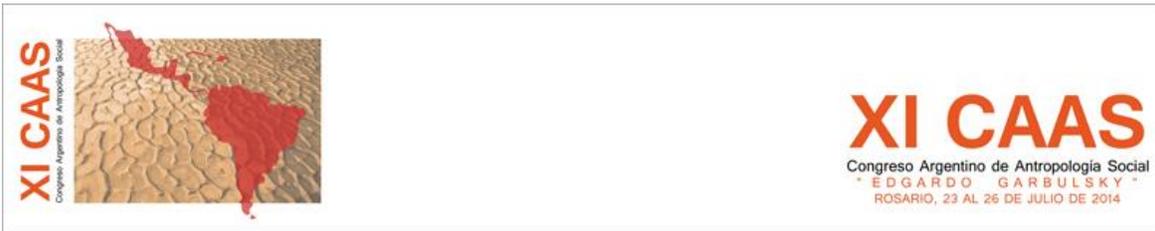
“EUA e OKAIDA”: um estudo sobre os sentidos e significados da violência entre jovens da cidade de João Pessoa.

Arruda, Thayroni.

Cita:

Arruda, Thayroni (2014). *“EUA e OKAIDA”: um estudo sobre os sentidos e significados da violência entre jovens da cidade de João Pessoa. XI Congreso Argentino de Antropología Social, Rosario.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-081/415>



XI Congreso Argentino de Antropología Social

Rosario, 23 al 26 de Julio de 2014

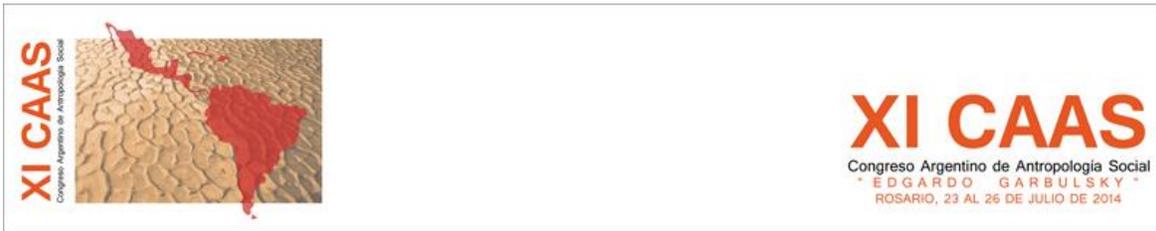
GT20 – VIOLÊNCIA, MEMORIA E INTEGRACION SOCIAL: CIVILIZACION Y BARBARIE EN AMERICA LATINA

“EUA E OKAIDA” : UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA PB.

1

Thayroni A. Arruda¹ / Governo do Estado da Paraíba

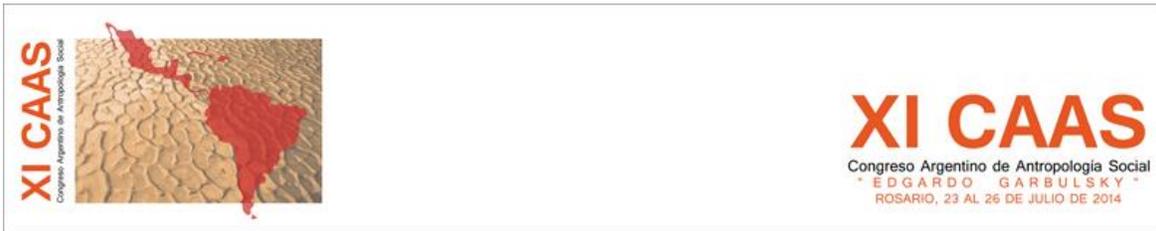
¹ Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande UFCG; mestre em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG PPGCS; Professor de Sociologia da rede Estadual de Ensino da Paraíba.



RESUMO

Os espaços onde as interlocuções dos jovens acontecem são responsáveis pelas mais variadas formas de interação. A sociedade urbana exerce o papel de organizar todas as experiências humanas em uma rede empírica de ações que se efetivam em um espaço e tempo determinado. Caracterizando-se, desta forma, como sendo uma modalidade de interação entre indivíduos que além de manter o vínculo interacional desenvolve uma consciência de unidade entre as partes. Segundo Simmel, esta reciprocidade consciente entre os sujeitos se configura como sendo uma característica marcante do social. Pois, para o mesmo, “não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos” (SIMMEL *apud* FRÚGOLI, 2007:11). Ao lado das inúmeras formas de sociabilidade juvenil e do crime organizado na cidade de João Pessoa, surge um elemento novo na cultura de rua a partir do aparecimento do fenômeno das “galeras”. Desta forma, o presente projeto propõe compreender os *campos de sentido* que dinamizam as experiências de jovens integrantes da “Okaida” e dos “EUA” a fim de entender qual o lugar que a violência ocupa como campo propulsor de experiências nas suas vidas. Pretendemos delinear conteúdos culturais que estão na base de seu exercício e situar a violência dentro do sistema de relações sociais dos jovens. Sendo assim, não temos a intenção de investigar de onde e como se forma a violência praticada por esses sujeitos, mas nos propomos a entender quais os sentidos que os integrantes destas facções criminosas atribuem à violência bem como compreender os valores e representações que fazem de si e do outro.

Palavras-chave: Sociabilidade juvenil, galeras, violência urbana



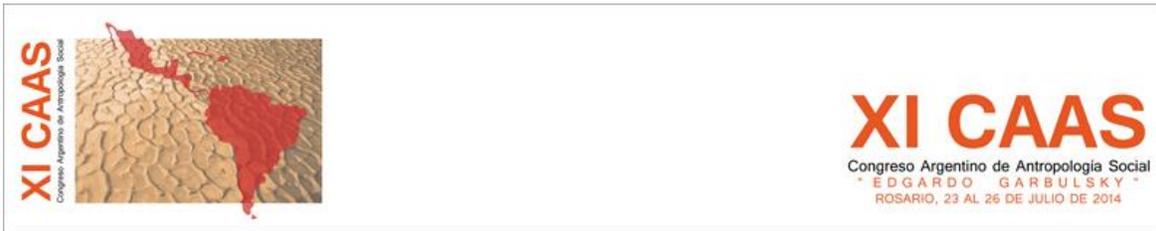
INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, João Pessoa, registrou um aumento significativo nas taxas de homicídio. Segundo o Mapa da Violência, João Pessoa registrou 518 mortes violentas em 2012. Para a Polícia Civil, metade está ligada ao tráfico e à disputa entre os grupos. Outro dado relevante que o Mapa da Violência nos mostra, é que para cada homicídio de branco, 29 negros são mortos na cidade. Esse crescimento participa de uma tendência de transformação dos padrões de distribuição territorial dos homicídios que vem sendo chamada de “interiorização da violência”, na qual há uma migração dos pólos dinâmicos da violência homicida de um limitado número de regiões metropolitanas de grande porte para áreas de menor tamanho demográfico. Estados do sudeste, como Rio de Janeiro e São Paulo, que sustentavam as maiores taxas de homicídio, tiveram uma significativa redução, enquanto outros estados, principalmente no Nordeste do país, como Bahia, Maranhão, Alagoas, entre outros, mais que dobraram suas taxas de homicídio.

3

Na cidade de João Pessoa os jovens vêm ganhando visibilidade pelos confrontos violentos envolvendo grupos opostos. O jornal Folha de São Paulo, lançou no dia 17/03/2013 uma série de reportagens intitulada “Capitais do Medo” onde mostra a cidade de João Pessoa como sendo a capital com a maior taxa de homicídios de negros do país e aponta as gangues² *Okaida* e os *EUA* como os principais responsáveis. A rivalidade mantida entre estas duas facções adversárias provoca enfrentamentos físicos que causam ferimentos graves e morte dos jovens. Soma-se a esses embates, qualificados por eles próprios como “guerras”, uma outra manifestação da violência que entrecorta suas ações: a

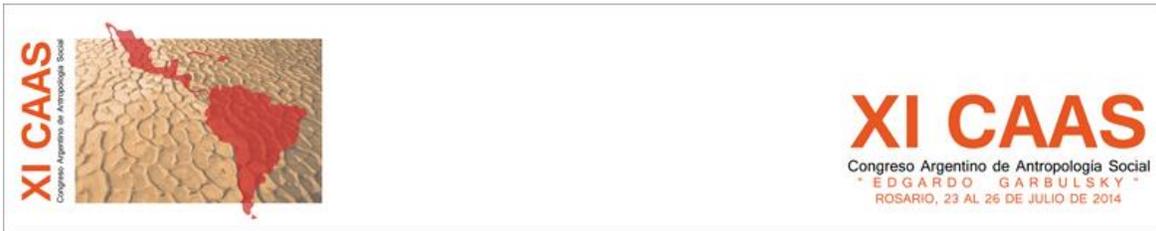
² Turmas de jovens turmas de jovens com estrutura relativamente territorializada reunidas em torno de interesses geralmente alheios à violência, mas que, além de não estarem livres de praticar atividades e atos violentos, costumam manter rivalidades com outros grupos para marcarem a posse da sua área, produzindo embates que podem terminar em agressões extremamente graves e homicídios.



prática de atos, como roubos, assaltos, furtos e depredações de patrimônios públicos e privados.

Segundo o jornalista Reynaldo Turolo Jr, as duas facções desenvolveram uma série de elementos simbólicos que as identificam, definem e demarcam os espaços e sujeitos que fazem parte de tais grupos. *Os traficantes da “Okaida” costumam pixar à sigla “OKD” nos muros da cidade para demarcar o território. Outra característica do grupo é tatuar as imagens de um “palhaço bobo da corte” ou do “boneco Chuck”, personagem do filme “Brinquedo assassino”, porém, antes de ingressa no grupo é necessário realizar um ritual de iniciação: cometer um assassinato. Já o grupo rival, os EUA, tatuam uma “carpa japonesa” (espécie de peixe) ou a bandeira dos Estados Unidos;* diz o coordenador da delegacia de entorpecentes, Alan Murilo Terruel em entrevista para o portal de notícias da IG.

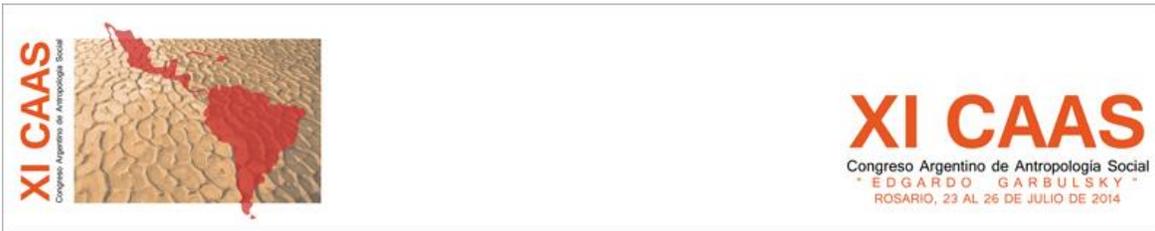
A mídia local dá espaço significativo aos comportamentos agressivos e violentos da juventude, tornando o tema “ganguê” numa das preocupações mais urgentes das autoridades policiais. Neste contexto de alarmismo mediático, atos delinqüentes e de violência envolvendo as chamadas “ganguês juvenis” são capazes de render reportagens que atravessam vários dias, sempre alimentadas por testemunhas dos episódios e pela opinião de especialistas, que se convertem em espécies de epidemiólogos de última hora, premidos pela missão de diagnosticar o alcance do problema e apontar possíveis soluções. Contudo, o tratamento “emergencial” dado ao tema tende a empobrecer sua análise, apontando para a necessidade de maior conhecimento desses grupos e da experiência concreta de vida dos jovens que os integram, o que o presente estudo espera trazer como contribuição.



JUSTIFICATIVA

Neste estudo, ao relacionar juventude e violência tomando como cenário um ambiente no qual predomina a pobreza – a periferia da cidade de João Pessoa –, não pretendo alimentar um imaginário social, particularmente os das classes médias e altas, que interliga causalmente a pobreza e a cor dos jovens que residem nestas áreas a um maior potencial para condutas criminosas. Entretanto, não deixo de concordar com Michel Misse (2006a) quando afirma que o discurso sociológico, ainda que contribua para nos desviar de alguns preconceitos, tem sido incapaz de diluir o “fantasma” que essa correlação reproduz no cotidiano dos moradores das grandes cidades brasileiras. Além disso, haveria nesse discurso certa visão paternalista em relação aos pobres, que se traduz numa profunda miopia quanto ao que o autor chama de “criminalidade pobre”, que seria “... também aquela a que se aplica a maior reação moral e social, a maior visibilidade, o maior interesse da mídia e dos políticos, por ser em geral uma criminalidade que se desenvolve por meios violentos (Misse, *op. cit.*: 21)”.
5

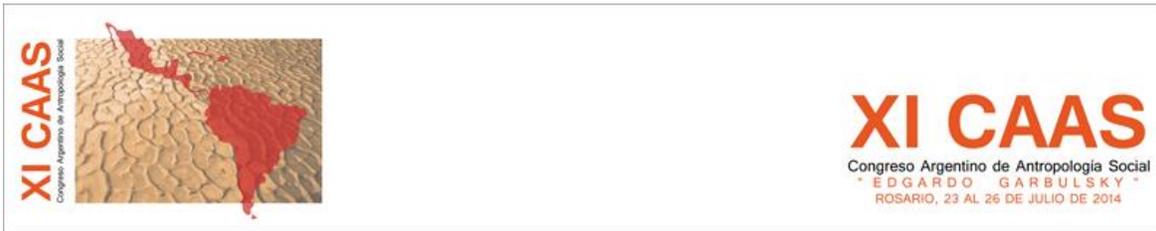
Reconhecemos que ao optarmos por estudar o tema da “violência juvenil” estamos dando mais uma colaboração às ciências sociais no sentido de situar a juventude sob o olhar do negativismo e de dar continuidade a uma perspectiva, estabelecida pela sociologia funcionalista norte-americana nos anos 1920-30, que a associa a comportamentos desviantes. Contudo, não creio que seja prudente as ciências sociais colocarem de lado o entendimento de questões relevantes para a sociedade, como a violência, delinqüência e criminalidade juvenis, e engessala num eixo disciplinar rígido e datado. Penso que, se o vocabulário de temas associados à juventude ganhou amplitude, essas questões, como também as de rebeldia e revolta – ou seja, os clássicos problemas que lhes deu visibilidade ao longo de quase todo o século XX – não deixam de continuar sendo fundamentais na construção da problematização da “juventude”.



O desafio que nos propomos enfrentar reside na tentativa de compreender a delinqüência e a violência juvenil, ultrapassando modelos interpretativos que partem do pressuposto de que os jovens são responsáveis por boa parte das mazelas sociais e desordem urbana e, a partir daí, propor medidas de regulação social, de disciplinarização, controle e correção de seus vícios, como foi o caso dos funcionalistas da escola de Chicago. Não se trata, portanto, de ficar cego diante de um tema de grande importância na nossa cidade, mas sim o de tentar explorá-lo buscando novos ângulos, situá-lo frente às novas vivências e dinâmicas sociais. Velhos temas podem e devem ser revisitados para um melhor entendimento dos dilemas da condição juvenil atual.

Ao lado das inúmeras formas de associação juvenil e do crime organizado que reúne uma quantidade significativa de jovens nos grandes centros urbanos, surge um elemento novo na cultura de rua a partir do aparecimento do fenômeno das galeras. Na cidade de João Pessoa essas formas de associações começam a marcar presença no cenário urbano e estão sendo tomadas, pela mídia e pelo imaginário social – por ela profundamente influenciado – como um dos principais agentes da violência, desordem e caos. De fato, o cotidiano das crônicas jornalísticas alimenta o medo desses grupos, focalizando insistentemente a violência e condutas de risco de seus integrantes: *Sob ameaça de morte, jovens são proibidos de frequentar espaços visados por jovens de áreas rivais, ainda que não tenham ligação com o crime. Pichações das gangues marcam cenas de homicídios; No coração dos conflitos, centrados na periferia, estão grupos que controlam diferentes áreas da cidade: a “Okaida”, nome inspirado na rede terrorista Al Qaeda, e os “EUA”, inimigos da Okaida.*

Neste sentido, a hipótese motivadora deste projeto é a de que muito já se tem pesquisado sobre violência urbana e associações juvenis, porém, quer seja pelo fato deste fenômeno de associação de jovens a grupos denominados como “gangues” ser novo no estado da Paraíba, ou pela própria dificuldade que o objeto de pesquisa impõem ao pesquisador – como adentrar no universo da pesquisa e o

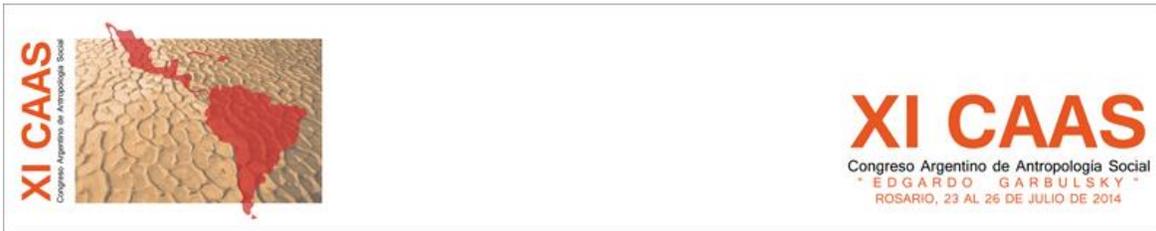


próprio risco eminente a vida – pouco se tem problematizado e nada pesquisado sobre as duas facções a qual nos propomos estudar; *Okaida* e os *EUA*. A ausência de trabalhos científicos na área torna-se, um problema e ao mesmo tempo um desafio para engendramos no universo da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos que valorizam a diversidade das experiências juvenis e as múltiplas possibilidades de socialização existente entre os mesmos, se opõem a uma outra maneira de pensar a temática. A idéia genérica de juventude, que procura definir e entender os elementos cristalizados que estabelecem seus traços comuns, configura-se também como um dos principais eixos de análise da sociologia da juventude. Esta distinção foi observada por Cardoso e Sampaio (1995) ao levantarem a bibliografia sobre juventude, em sua ampla gama de estudos realizados, distintos em temáticas e tipos de abordagem, foi possível identificar duas grandes tendências que apesar de serem antagônicas alternam-se entre si.

A primeira delas associa os jovens a contextos de grandes transformações e entende a juventude como uma identidade homogênea e coesa. De outro lado uma tendência, inicialmente vinculada aos estudos da Escola de Chicago, que dar ênfase a heterogeneidade das experiências juvenis. A noção de subculturas juvenis se destaca nesse segundo modo de abordar e conceituar a identidade juvenil. As abordagens mais recentes vêm procurando articular esses dois enfoques, orientando-se em torno do reconhecimento da juventude no “plural”, isto é, esquadrihando a sua diversidade interna, mas sem abrir mão do reconhecimento de uma experiência geracional que permeia o campo, imprimindo-lhe uma tonalidade própria (Tavares & Camurça, 2005).

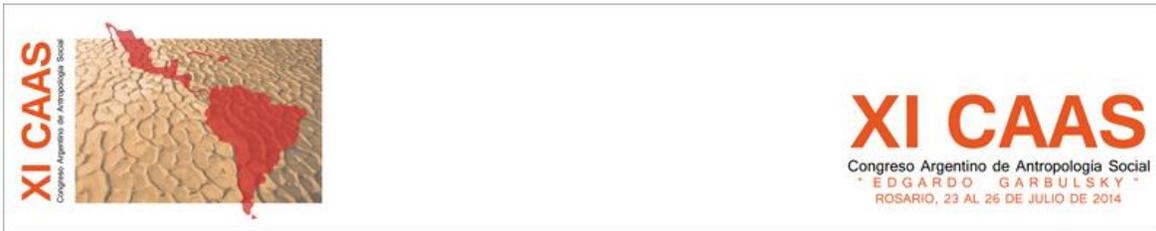


No Brasil, em pouco mais de duas décadas, a variedade de estudos e de pesquisas consagrados à juventude efetivamente se ampliou, produzindo um alargamento dos limites conceituais dessa categoria. Após vários anos de relativa ausência do tema nos trabalhos acadêmicos, passamos a assistir à divulgação de uma massa de escritos e pesquisas consagrados às mais variadas dimensões da vivência juvenil. Até a década de 1980 o interesse acadêmico esteve orientado pela visão do jovem como ator político, concentrando-se num segmento restrito – a classe média urbana e universitária –, a retomada do tema “juventude” pauta-se pela preocupação em situá-la frente a outras dimensões da vida em sociedade, como o lazer, estilos e movimentos culturais, trabalho, escola, família, religião, padrões de consumo, sexualidade, entre outras.

O contexto brasileiro expressa, portanto, a possibilidade de múltiplas vivências juvenis no mundo contemporâneo e sua correlação com experiências localizadas em sistemas de valores específicos. Ao lado das inúmeras formas de associação juvenil e do crime organizado que arregimenta um número grande de jovens nos grandes centros urbanos, emerge um elemento novo na cultura de rua a partir do surgimento do fenômeno das *galeras*: turmas de jovens com estrutura relativamente territorializada reunidas em torno de interesses geralmente alheios à violência, mas que, além de não estarem livres de praticar atividades ilícitas³ e atos violentos, costumam manter rivalidades com outros grupos para marcarem a posse de seu espaço (Magnani, 1998), produzindo embates que podem terminar na tragédia de agressões extremamente graves e homicídios.

Este novo modelo de interação juvenil começa a emergir na cidade de João Pessoa a partir da associação de jovens a duas galeras rivais. O sentimento de pertencimento a um dos dois lados do conflito faz com que os integrantes dos *EUA* ou da *Okaida*, pratiquem transgressões e delitos, interiorizando os valores da virilidade, o que os levam a responder desafios sempre através da agressão física,

³ Entendemos como ilícito toda ação que vai de encontro com as leis e normas estabelecidas por membros de outros grupos. Pois compreendemos que tais atos podem não ser ilícitos para quem os praticam.



e protagonizando, ao lado de outros jovens de nossas grandes cidades, a violência urbana do país. Desta forma, através do conceito de violência vamos tentar apreender a maneira de como os jovens dão significado ao seu cotidiano e das formas como o constroem. Sendo assim, a proposta central deste trabalho não reside no entendimento da relação entre juventude e violência a partir da investigação da “violência como acontecimento, como observação direta de uma prática concreta” (Diógenes, 1998) e, sim, nas representações que os jovens têm do mundo que o cerca tendo por referência a violência. A perspectiva adotada não estabelece como eixo básico e limite da pesquisa a identificação do porquê a violência acontece, mas focaliza uma “rede de significados culturais” (Geertz, 1973) produzida pelos jovens da periferia quando elaboram suas percepções sobre a mesma.

OBJETIVOS

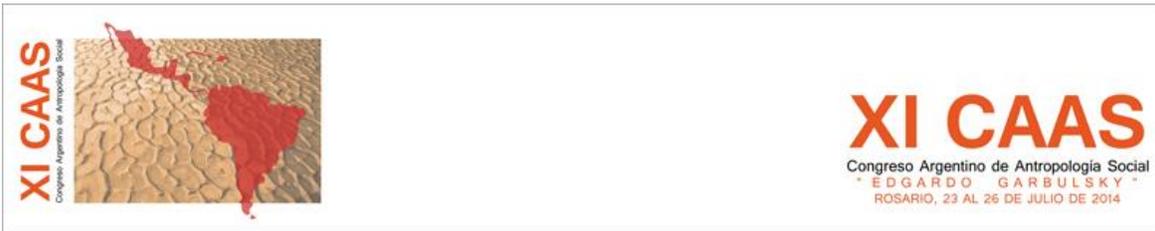
9

Objetivo geral

Compreender os campos de sentido que dinamizam as experiências de jovens integrantes de grupos genericamente definidos como “gangues”, envolvidos em atos de violência na cidade de João Pessoa / PB.

Objetivos específicos

- Mapear os espaços de sociabilidades e conflitos que dão sentido as ações dos jovens que fazem parte da “Okaida” e dos EUA;
- Analisar as práticas de interação dos atores juvenis que fazem parte das “gangues” EUA e *Okaida*, buscando compreender os valores que definem suas relações com o mundo, bem como a representação que fazem de si e do outro.



- Compreender qual o lugar que a violência ocupa como campo motivador de experiências nas suas vidas.

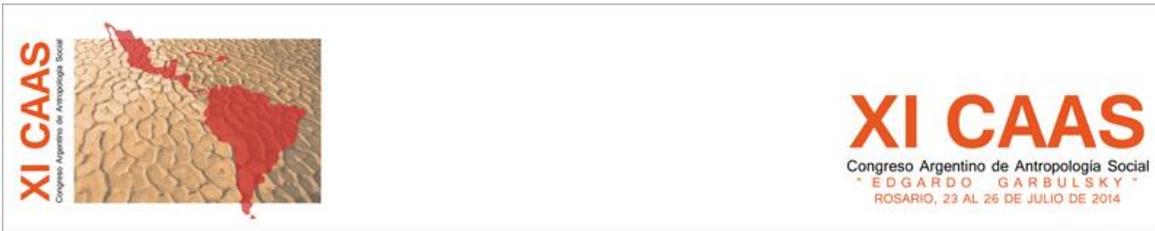
METODOLOGIA

Universo e amostra da pesquisa:

A pesquisa que aqui se propõe orienta-se para a apreensão do fenômeno social estudado nas suas manifestações empiricamente constatáveis. Tem como foco compreender os *campos de sentido* que dinamizam as experiências de jovens integrantes de grupos genericamente definidos como “gangues”, envolvidos em conflitos na cidade de João Pessoa / PB. Para tal empreendimento partiremos de uma abordagem que combina aspectos quali-quantitativos, já que pretendemos estudar a formação da estrutura e do funcionamento das relações que se desenvolvem entre os jovens que fazem parte da “Okaida” e dos “EUA”, bem como as descrições dos significados estabelecidos / construídos pelos sujeitos envolvidos (cf. DIEHI & TATIM, 2004).

Minayo enfatiza que “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (2001). Segundo os autores Manuela e Sérgio (2002: 02).

“O mundo da vida cotidiana não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que caracteriza suas vidas, mas é também um mundo que se origina do ato de os indivíduos se comunicarem por meio da linguagem, demonstrando seus pensamentos e afirmando-os em suas ações como reais. Logo, o fundamento de apreensão de conhecimento na vida cotidiana designa

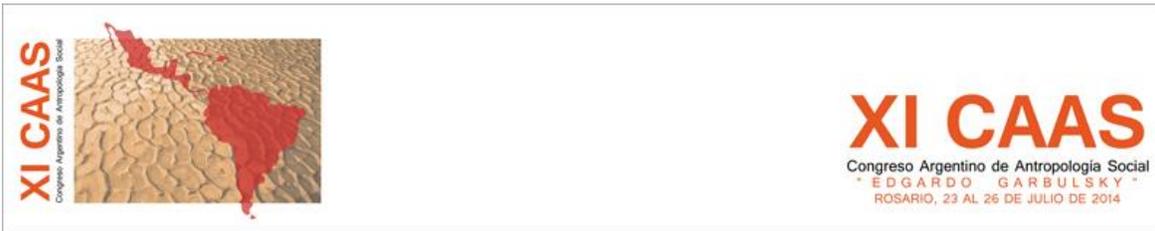


objetivações de processos e significações subjetivas, graças às quais constrói a realidade social”.

Considerando o universo simbólico como produto social e cultural, que têm sua história influenciando diretamente o comportamento dos atores sociais, foi que, pensamos na análise do discurso como metodologia principal para o nosso trabalho. A análise do discurso considera a linguagem como forma de prática social e têm como um de seus álibis o poder de desvendar os fundamentos ideológicos dos discursos que se apresentam ao longo do tempo como naturais. O mesmo se caracteriza como sendo uma construção social que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção. O discurso determina uma visão de mundo totalmente dependente da visão do sujeito que a produz e o tempo histórico onde o mesmo se passa.

Sabendo também que a vivencia com os jovens produtores dos sentidos se faz necessário para a melhor compreensão destas nuances, faremos uso ainda do método que consagrou a antropologia enquanto ciência. A *etnografia* nos auxiliará de forma precisa na captação sensível das mensagens implícitas, como também nos dará aporte para *compreender qual o lugar que a violência ocupa como campo motivador de experiências em suas vidas*. A pesquisa compreenderá, assim, as seguintes fases e respectivos instrumentos:

- Utilizaremos como técnica a **observação direta** com o objetivo de mapear os espaços de sociabilidades e conflitos que dão sentido as ações dos jovens que fazem parte da “Okaida” e dos EUA;
- Será feita uma **etnografia** com os integrantes do movimento hip-hop, a fim de delinear conteúdos culturais que estão na base de seu exercício e situar a violência dentro do sistema de relações sociais dos jovens.
- Realizaremos uma **análise documental** recorrendo a matérias de jornais impressos e televisivos, bem como outros documentos que possam



contribuir para o nosso entendimento sobre o lugar que a violência ocupa como campo motivador de experiência na vida destes jovens;

- Também recorreremos a **entrevistas** com o objetivo de entender quais os sentidos que os integrantes destas facções criminosas atribuem a violência bem como compreender os valores e representações que fazem de si e do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANITA, Motta. **Hip-hop, A cultura marginal: do povo para o povo**. Rio Grande do Norte. UFRN. 2006.

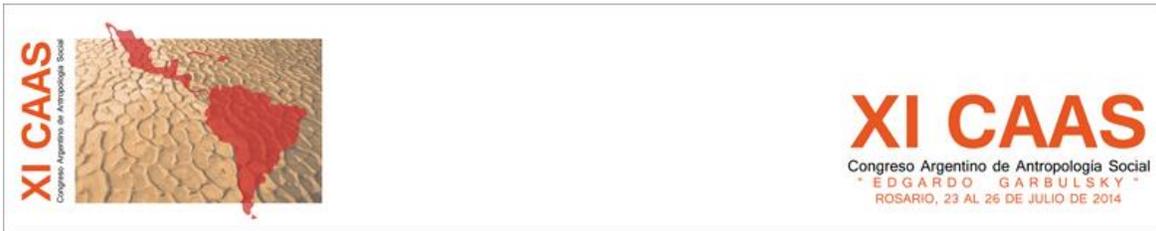
ARRUDA, Thayroni. **A construção identitária a partir da ação política: O caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande / PB**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande. UFCG. 2012.

BOURDIEU, P. 1983. **“A Identidade e a Representação. Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região”**. In: O Poder Simbólico. Lisboa, Difel.

CARDOSO, Ruth & SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre a Juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: ANNABLUME, 1998.



FRÚGOLI Junior, Heitor. **Sociabilidade urbana** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (passo – a – passo; 80).

GEERTZ. C. **A interpretação das Culturas**. São Paulo: Ltc, 1973.

LACLAU, Ernesto. **Inclusão, exclusão e a construção de identidade**. In: AMARAL Jr., Aécio & BURITY, Joanildo A. *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José G. C.. **Festa no Pedaco. Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

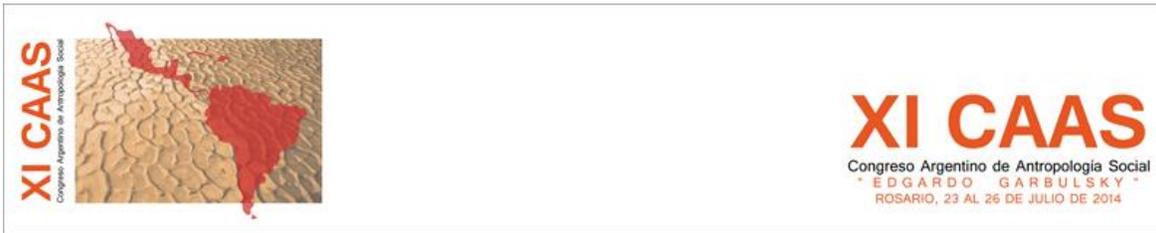
MANUELA C. e SÉRGIO A. **A análise de discurso e a apreensão de universos simbólicos: Uma referência para o entendimento da linguagem subjetiva do poeta e letrista Vinícius de Moraes**. Rio de Janeiro: UENF, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MISSE, Michel. **“Crime e Pobreza: velhos enfoques, novos problemas”**, in *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006a.

_____ **“Gangs, Galère, Galeras: entre o Rio e Paris”**. in *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006b.

SALES, Ronaldo. ARRUDA, Thayroni. **Movimento hip-hop e identidade juvenil: violência e arte na produção nos espaços urbanos**. Artigo apresentado no XV



Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil. UFPI. Teresina – PI. 2012.

SILVA, Itamar, SOUTO, Ana & SOARES, Sebastião (coords.). **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Pesquisa Nacional. IBASE/PÓLIS, 2005.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In. VELHO, Otávio Guilherme (org.) O Fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

TAVARES, Fátima & CAMURÇA, Marcelo. “**Juventudes’ e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**”. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, v.7, n. 1, 2005.

<http://mapadaviolencia.org.br/>. Acesso: data: 04 de setembro de 2013; hora: 10h17min.

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1247519-folha-lanca-serie-de-reportagens-sobre-as-capitais-do-medo.shtml>. Acesso: data: 04 de set de 2013; hora: 10h20min.

<http://www.giropb.com.br/noticia/lideres-de-duas-gangues-al-qaeda-e-eua-foram-presos-afirma-a-policia-da-paraiba.html>. Acesso: data: 04 de set de 2013; hora: 10h22min.

<http://desterronline.blogspot.com.br/2012/05/al-qaeda-x-eua-na-paraiba.html>. Acesso: data: 04 de set de 2013; hora: 10h30min.